

Somerset Maugham

*The Summing Up*

Nunca tive muita paciência com os escritores que exigem do leitor um esforço para compreender o que pretendem dizer. Basta folhear os grandes filósofos para ver que é possível exprimir com clareza as mais subtis reflexões. Pode achar-se difícil compreender o pensamento de Hume e, se não se tiver preparação filosófica, por certo não-de escapar-se as suas implicações; mas ninguém, mesmo sem formação, não pode deixar de compreender exactamente o significado de cada frase. Poucos escreveram o inglês com mais elegância do que Berkeley. Há dois tipos de obscuridade nos escritores. Uma resulta de negligência e outra de puro capricho. As pessoas muitas vezes escrevem obscuramente porque nunca se deram ao trabalho de aprender a escrever com clareza. Encontra-se com frequência este tipo de obscuridade em filósofos modernos, em pessoas de ciência e mesmo em críticos literários. Este último caso é realmente estranho. Imagina-se que pessoas que passaram as suas vidas a estudar os grandes mestres da literatura seriam suficientemente sensíveis à beleza da linguagem para a escrever, senão com beleza, pelo menos com clareza. No entanto, encontra-se essa obscuridade nos seus trabalhos, frase após frase que têm-se de reler para lhes descobrir o sentido. Muitas vezes apenas se consegue conjecturar o sentido, pois evidentemente os escritores não disseram o que pretendiam.

Outra causa da obscuridade é de que o próprio escritor não está seguro do que pretende dizer. Tem uma vaga impressão do que quer dizer, mas, ou por falta de capacidade mental ou por preguiça, não o formulou claramente na sua mente e é natural que não encontre uma expressão precisa para uma ideia confusa. Em grande medida isto é devido ao facto de que muitos escritores pensam, não antes, mas enquanto escrevem. A pena origina o pensamento. O problema disto, e realmente um perigo contra o qual o escritor deve estar sempre alerta, é de que há uma espécie de magia na palavra escrita. A ideia adquire substância tomando uma natureza visível e fica a meio caminho do seu próprio esclarecimento. Mas esta espécie de obscuridade redundando facilmente em capricho. Alguns escritores que não pensam com clareza têm tendência a supor que os seus pensamentos têm um significado maior do que à primeira vista parece. É lisonjeiro pensar que são demasiado profundos para serem expressos tão claramente que todos o consigam ler, e, muito naturalmente, não lhes ocorre que a culpa está na sua própria cabeça que não tem a faculdade de reflexão rigorosa. Aqui ocorre outra vez a magia da

palavra escrita. É muito fácil convencer-se a si mesmo de que uma frase que não se compreende bem pode significar muito mais do que se pensa. Daí é apenas um pequeno passo para se cair no hábito de escrever as suas impressões na sua primitiva nebulosidade. Os tolos estão sempre prontos a descobrir nelas um sentido oculto. Existe uma outra forma de obscuridade caprichosa que se disfarça de exclusividade aristocrática. O autor envolve o que pretende dizer em mistério para que o plebeu não o consiga compartilhar. A sua alma é um jardim secreto no qual os eleitos podem entrar apenas após a ultrapassarem de uma quantidade de obstáculos perigosos. Este tipo de obscuridade não é apenas pretensiosa: é tacanha. (...)

Maugham, S., (1938), *The Summing Up*, (Nova Iorque: Mentor Books), p. 23-4.

Tradução: Eduardo Castro, 2016